



# A TRADUÇÃO DE OVÍDIO, O POETA DO AMOR, NO IMPÉRIO DO BRASIL: O “ERÓTICO”, A MORAL E A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX

THE TRANSLATION OF OVID, THE POET OF LOVE, IN THE EMPIRE OF BRAZIL: “EROTIC”, MORALS AND EDUCATION IN THE 19TH CENTURY

**Hélio Gustavo S. Andrade\***  
**Lourdes M. G. C. Feitosa\*\***  
**Pedro Paulo A. Funari\*\*\***

\* [gustavo-andrade@hotmail.com](mailto:gustavo-andrade@hotmail.com)  
Mestrando em Ciências da Cultura na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Vila Real, Portugal. Graduado em História e Jornalismo e Especialista em História, Cultura e Poder.

\*\* [loufeitosa@uol.com.br](mailto:loufeitosa@uol.com.br)  
Doutora em História Cultural pela Unicamp. Professora do UNISAGRADO - Bauru/SP.

\*\*\* [ppfunari@uol.com.br](mailto:ppfunari@uol.com.br)  
Professor titular de História da Unicamp.

**RESUMO:** Esta reflexão insere-se nas discussões dos usos do passado, aqui, em particular, na articulação do Brasil Império com as suas heranças clássicas, na metade do século XIX. Para legitimar a imagem de Nação construída a partir das referências históricas consideradas legítimas pelas elites imperiais, era de grande importância a conexão com as bases da civilidade ocidental: latina, com a sua língua materna, o latim, e o direito romano, e as tradições grega e hebraica. Neste processo, saber as letras antigas e ler obras de autores latinos e gregos era o caminho para a erudição e o conhecimento necessário ao homem virtuoso. Dentre os diversos autores traduzidos para o português está o romano Públio Ovídio Nasão. A questão era como publicar e interpretar um autor que tratava de conquistas amorosas e sexualidade dos antigos romanos, e seus conflitos, contradições e zombarias, em um momento em que se dava o aumento da publicação de jornais e livros, das escolas, da amplificação de um público leitor feminino e da definição e imposição de austeros valores. A leitura dos clássicos, ou limitações a eles, reforça um modelo idealizado de sociedade que nos possibilita examinar aspectos que envolvem a seleção, a tradução e a publicação de textos antigos em um cenário político e social que, ao mesmo tempo em que valorizava o vínculo com determinadas sociedades antigas e com elementos neoclássicos, precisava resolver os atritos identificados entre os códigos morais vigentes e os aspectos “eróticos” contidos nas obras ovidianas. É esta articulação entre um ideal de civilidade, cultura, educação e os embates morais em torno da publicação das obras ovidianas no Brasil que serão tratados neste texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neoclássico; Império do Brasil; Nacionalismo; Educação; Gênero.

**ABSTRACT:** This paper is within the fold of reception or uses of the past in history. In this occasion, dealing with Brazil during royal rule and the uses of classical heritage in the 19<sup>th</sup> century. In order to legitimate the new-born nation, the imperial Brazilian elites considered Latin heritage as legitimating the regime, the Latin language and literature, Roman law, as well as some Greek and Hebrew heritage. As a consequence, the command of Latin and Greek languages and literatures were key to bringing up a gentleman. Among the translated classics, Ovid is a good example of the contradictions analyzed in this paper. How to translate and interpret such an author? Ovid dealt with love and sexual practices of the ancients, their conflicts, contradictions and ironies. This was a challenge, in the face of the growing female readership in Brazil, considering furthermore that women were encouraged to follow most restricting mores. Classical texts were at the same time essential, but they did oftentimes contradict, by their erotic style, the dominant conservative and patriarchal tenets of the period, contrary to Ovid’s poetry. This conflict is at the heart of this paper: the classics as a heritage and Ovid as a challenge to several of the conservative 19<sup>th</sup> century tenets.

**KEYWORDS:** Neo-classics; Brazilian empire; Nationalism; Education; Gender.

## INTRODUÇÃO

Este artigo insere-se numa revisão historiográfica que visa a valorizar pessoas pioneiras. Neste caso, trata-se de uma homenagem à Professora Haiganuch Sarian, orientadora de um dos autores (Funari), sem a qual os outros dois autores principais sequer existiriam (Feitosa e Andrade). Ainda mais, Sarian, com sua formação em Letras e Literaturas Clássicas, grega e latina, convida a voltar-se para o tema da tradução, uma das suas áreas de paixão e atuação, como atesta a tradução de Teofrasto e *os Caracteres*. Voltamo-nos para o alvor da nação brasileira e sobre um aspecto de como o passado clássico serviu para a invenção da nacionalidade. Ovídio não parece algo óbvio, quando se pensa nesse tema. Mas, como argumentamos neste artigo, a tradução de sua obra, *Amores*, fazia parte de uma construção complexa, que incluía mesmo temas relativos ao gênero e às relações entre mulheres e homens, nem sempre entre dominadas e dominadores, como veremos.

Este estudo insere-se no campo dos usos do passado. Hobsbawm mencionava a invenção de tradições como fundamental, no contexto dos estados nacionais, desde fins do século XVIII. O nacionalismo escocês inventou os *kilts* (saiotes) e assim foi em toda parte, como mostrou Shlomo Sand (2011), para citar um, entre tantos. *Inuenio*,

de fato, significa, vir em, daí encontrar, topar com, mas também, inventar, encontrar na imaginação. No Brasil, a invenção, criação de uma especificidade nacional, passou por uma dicotomia inevitável: herança portuguesa e europeia, por um lado, e especificidade local, com destaque para a indígena idealizada. No século XIX, os escravizados estavam excluídos, daí que sobrassem os indígenas, não reais, mas como uma miragem. Na parte erudita, portuguesa e europeia, a herança clássica foi central: latina, em primeiro lugar, grega e hebraica, em seguida. Os latinos apareciam como antepassados diretos, pelo idioma neolatino (a última flor do Lácio), pelo direito romano, por todo um projeto que tomava essa amálgama como a Roma redivida, como diria o brasileiro Darcy Ribeiro: mistura de África, Europa, Ásia e, acréscimo de Darcy Ribeiro, América. Muitos falam em recepção, mas preferimos usos do passado, pois nossa ênfase está em cada momento que reapropria. No caso deste artigo, no século XIX, no Brasil escravista, machista e elitista.

## O BRASIL IMPERIAL

A ascensão de Dom Pedro II ao trono, em 1840, caracteriza-se como um período de incentivo à formação de um conceito de nacionalidade brasileira. Foi no reinado de Pedro de Alcântara que o intenso esforço para constituir um Estado Nacional, com uma identidade própria,

se punha como desafio diante do amálgama étnico e cultural e das diferenças sociais. “O nacionalismo brasileiro [...] partiu sobretudo das elites cariocas, que, associadas à monarquia, esforçavam-se em chegar a uma emancipação em termos culturais. Os temas eram nacionais, mas a cultura [...] cada vez mais palaciana” (SCHWARCZ, 1998, p. 139-140). Era preciso estabelecer as bases que sustentariam o país como um estado-nação. Com este intuito, o governo imperial programou uma série de ações para criar organismos que validassem o novo Estado brasileiro como legítimo.

Algumas iniciativas neste intuito já haviam se iniciado antes do Segundo Reinado, como, por exemplo, a organização das escolas de Direito, em Recife e São Paulo, em 1826, e a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o IHGB, em 1838. Todos eles com o propósito de reunir as elites da corte e cuidar da imagem da monarquia a partir da escrita da história do Brasil. Buscou-se consolidar uma identidade com instituições fortes, a partir da coroa.

Ainda no período regencial, em 1838, o prédio do antigo Seminário São Joaquim passa a sediar o Colégio Pedro II, marco da mudança do sistema de aulas avulsas herdado do período colonial para a primeira escola de

ensino secundário, agora sob a égide governamental. É neste momento que a História como disciplina escolar tem sua origem no ensino das humanidades como parte dos estudos secundários (TOLEDO, 2004, p. 17).<sup>1</sup> A grade de conteúdo do colégio recebia influência da Grécia e Roma Antigas, o que fez com que os estudos da História Antiga, da literatura, teologia e filosofia, e das línguas latina, grega e hebraica fossem recorrentes, juntamente com a matemática. É a partir da grade adotada no colégio que se organizará o currículo de outras escolas criadas *a posteriori* (VIEIRA, 2010).

O monarca Pedro II não apenas incentivava, mas também promovia e participava da produção de conhecimento. Considerado um intelectual e um admirador das ciências, dedicou-se às letras, às artes — estudando muitos idiomas, dos quais tinha competência de fala e escrita, além do português, em latim, francês, inglês, italiano, alemão, espanhol, grego, árabe, hebraico, sânscrito, chinês, provençal e tupi-guarani — e às traduções. Dentre tantas outras, citamos a versão de Camões do português para o hebraico; partes do Velho Testamento em hebraico para o latim; as obras *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo e a *Odisseia*, de Homero, do grego para o português; e do árabe para o português, as *Mil e uma Noites*, obra que não conseguiu findar. Para Daros, “[a] extensão e abrangência da

1. Segundo a autora, antes de se tornar uma matéria específica, “a História estava entre as letras antigas através do estudo de erudição e obras de autores latinos e gregos. Associada à Geografia, era considerada um exemplo especial de conhecimento necessário ao homem virtuoso, tinha a tarefa de auxiliar na educação clássica, que consistia na ‘formação do espírito que tende a desenvolver um certo número de qualidades, ou seja, a clareza do pensamento e da expressão; o rigor no encadeamento das idéias e de proposições e o cuidado com a medida e o equilíbrio’” (2004, p. 17).

obra de Dom Pedro II [...] são indicativos de que, além de prováveis motivações políticas [...] havia um entusiasmo próprio do homem, do intelectual, ávido por conhecimento e por ampliar sua visão de mundo” (2012, p. 236).

O mesmo cuidado pode ser observado em sua interação com o colégio que carregava seu nome, no qual assistia às aulas e, em certas ocasiões, atuava como professor e na seleção de docentes. Também exercia o mecenato pessoal na produção de artistas, escritores e, aqui em específico, nas traduções. O apoio e financiamento valorizava os saberes Clássicos e professava um tardo neoclassicismo que foi fundamental para desenvolver os conhecimentos sobre a Antiguidade no Brasil, consolidados na tradução para o português de obras Clássicas<sup>2</sup> – antes e depois de 1855 (VIEIRA, 2010), e na composição de um acervo de peças gregas, romanas e egípcias no Museu Nacional do Rio de Janeiro.<sup>3</sup>

Um exemplo desta parceria de Pedro II é a realizada com os irmãos Feliciano, ambos nascidos em Portugal. Antônio, já um conhecido autor e latinista, em visita ao Rio de Janeiro no ano de 1855, foi convidado pelo imperador para uma série de compromissos. A proximidade gerou frutos, dentre eles a tradução do latim para o português de dois textos *Os Amores* e *A Arte de Amar*,

de Públio Ovídio Nasão. Este, um importante escritor romano que viveu por volta de 43 AEC a 17/18 EC, da cidade de Sulmo, filho de família equestre. Educou-se em Roma e completou sua formação em Atenas; trabalhou na Sicília e na Ásia Menor e participou por algum tempo da vida política, mas a abandonou para se dedicar à poesia. Foi contemporâneo do imperador Otávio Augusto e do poeta latino Virgílio (CAMPOS, 2010, p. 121; FEITOSA, 1992).

Segundo Gonçalves (2017), a escolha por Ovídio não foi ou é difícil:

Desde o seu princípio, a história da tradução dos autores clássicos para a nossa língua nos indica o nome de Ovídio: as mais antigas traduções poéticas de autores clássicos para a língua portuguesa cujo texto conhecemos ainda hoje são as traduções de algumas cartas das *Heroides* presentes no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, compilado em fins do século XV. O poeta de Sulmona, ao longo de toda a história da tradução dos clássicos latinos para a língua portuguesa, nunca deixou de ser revisitado por tradutores lusófonos, figurando certamente entre os poetas latinos mais traduzidos, juntamente a Virgílio e Horácio. Se excetuarmos autores cuja obra é constituída por livro único, Ovídio é um dos pouquíssimos autores latinos cuja obra integral está vertida e publicada em nossa língua, façanha não acompanhada nem por Cícero, nem por

2. As traduções de autores greco-romanos receberam novo estímulo no século XXI. “Apesar de despertar uma atenção peregrina no ocidente, na última década a tradução dos clássicos greco-romanos ganhou novo impulso no Brasil. Contribui diretamente para isso a expansão do mercado editorial e o engajamento institucional. É cada vez maior a presença de pesquisadores das letras clássicas que atuam em linhas de pesquisa dedicadas à recepção dos clássicos e à sua tradução, bem como o dos que se dedicam à prática tradutória” (DUARTE, 2016, p. 1).

3. Fogo destrói o Museu Nacional do Rio de Janeiro em 02 de setembro de 2018. O museu guardava cerca de 759 peças em sua Coleção Teresa Cristina. Teresa Cristina de Bourbon (1822-1889), princesa do então Reino das Duas Sicílias, sediado em Nápoles, tornou-se esposa de D. Pedro II e imperatriz do Brasil em 1843. Em sua juventude, participou de diversas escavações em terras de sua família, próximas a Pompeia e Herculano. Financiadas por Teresa Cristina, as pesquisas no solo foram feitas entre 1853 e 1889. A primeira parte do material foi trazido ao se casar e fez parte de seu dote. Outra parte da coleção veio 12 anos depois, por seu desejo de robustecer o Museu Nacional, fundado em 1818 como Museu Real por D. João VI, no centro do Rio (PENNAFORT, 2018). Também faziam parte da coleção de Antiguidade peças de escavações de antigas colônias gregas no sul da Itália e nas proximidades da cidade de Roma, como vasos, estatuetas, amuletos, panelas, objetos de uso pessoal como joias, pulseiras e anéis, amuletos fálicos, dentre outros. As mais antigas datavam do século VII AEC. Também alguns sarcófagos do Egito Antigo (AVELLA, 2010, p. 2).

Sêneca, por exemplo. Se não bastar toda essa justificativa histórica, acrescenta-se que ele é provavelmente o poeta latino mais traduzido e publicado no século XXI não só no Brasil, mas também em Portugal (2017, p. 65).

Também Antônio Castilho, em 1855, justificou a escolha pelo autor: “Ovídio é profundo no pensamento; brilhante na dicção; melodioso no metro; claro na expressão; vasto no saber; elegante nas fórmulas; alma privilegiada” e, ainda, “Ovídio é muitos poetas ao mesmo tempo, e todos excelentes” (NASÃO, 1858, p. 10, p. 25). Além de realçar a importância do poeta selecionado, Castilho enfatiza o valor das versões de textos clássicos para a língua portuguesa: “Não há nação que possua uma literatura regular, e que não tenha completa no seu idioma a série dos escriptores gregos e romanos. Entre nós, é um padrão de culto ao passado, e de incitamento ao porvir que resta ainda por levantar” (NASÃO, 1858, p. 3-4). É clara a reverência feita a esses escritores e a simbologia que acompanhava estas publicações.

Em relação à sua estrutura física, o livro é composto pelos elementos pré-textuais: a capa; um aviso Advertência Importante, ambos não paginados; o Preâmbulo do Comentador (p. 9-15), escrito por José Feliciano; o Prólogo do Tradutor (p. 17-35), de Antônio Feliciano de

Castilho. E os textos “Os Amores”, vertido por Antônio, e “Grinalda Ovidiana”, por Feliciano José. Ao todo são 874 páginas. Os poemas começam na página 41, com o livro I, e chegam à página 327, com o fim do livro III. Segue-se a “Grinalda Ovidiana” com “excertos da *Farsália*, de Lucano (a saber, os cantos I, VI, VII e metade do X), que vieram a lume em jornais e revistas do período, e outras tantas espalhadas pelas anotações aos textos ovidianos supracitados [...]” (VIEIRA, 2009, p. 72). A produção de José Feliciano está, portanto, da página 328 a 785, concluindo a obra conjunta dos irmãos Castilho.

Os livros foram lançados em um mesmo volume em janeiro de 1858, sob o encargo de José Castilho, três anos após a sua finalização e escrita do Prólogo por Antônio de Castilho, em 1855, então responsável pela divulgação, que naquele momento anuíra dela. Ao assumir a publicação, José Feliciano insere um Preâmbulo com comentários sobre as discussões em torno dela. Essas páginas pré-textuais nos permitem acompanhar as celeumas em torno da divulgação dos textos do grande poeta do amor.

Neste artigo, nos deteremos nessas páginas iniciais a fim de refletirmos sobre os imbróglis envolvidos em sua publicação. Por que teria Feliciano Antônio desistido de lançar a tradução em 1855? Quais os choques

perceptíveis em relação ao seu conteúdo amoroso e a quem o texto estaria autorizado? Quais as explicações de Feliciano José para a publicação, ao assumir para si a responsabilidade de divulgá-la três anos após? Assim, já de início se observa como a publicação dos *Amores* está rodeada de fatos que a tornam interessante.

Primeiro, percebe-se que Antônio Feliciano de Castilho a traduziu muito mais por seu apreço ao autor do que pelo conteúdo do livro. A temática amorosa gerava grande controvérsia no século XIX, tanto no Brasil como alhures. Um exemplo é a sua publicação na Inglaterra. Em um cenário de expressivo desenvolvimento industrial, tecnológico e científico e de ação imperialista, era premente compor os valores e costumes que dariam sentido e definiriam uma nova ordem social, como estudado pela historiadora Renata Barbosa (2015).

Nesse contexto expansionista, a leitura dos clássicos foi imperiosa pela busca em legitimar uma possível herança imperial romana aos britânicos, pelas orientações nas atribuições femininas e masculinas, como para uma política dos corpos esquadrihada pela ciência médica da época. Dentre os autores clássicos lidos na Inglaterra Vitoriana também se destacou o latino Ovídio, grande poeta do amor e das conquistas no universo romano. Em

um momento de divulgação dos livros, do aumento do público leitor feminino e da definição e imposição de austeros valores, o dilema era como publicar e interpretar o poeta dedicado ao amor e à sexualidade dos antigos romanos. É esta articulação entre política, cultura e educação marcada pelo destacado papel da literatura vivida pela Inglaterra vitoriana que também se observa no Brasil.

Segundo, o fato de o texto ter sido traduzido por um grande literato, sob a égide de um monarca tido como intelectual e erudito, poderia nos levar a supor uma divulgação pacífica e de consenso, mas não o foi. Buscamos compreender essas questões nas primeiras páginas, nas quais os irmãos Castilhos se posicionaram.

O tema do livro é o amor e as suas proezas, como indicado no próprio título; parte da elite considerava esta leitura inapropriada e ofensiva e se opôs à sua publicação. Um caminho seria cortar parte do texto ou modificá-lo? Em seu Prólogo, Antônio Feliciano argumenta que “seria pecado contra a arte mutilá-las: pecado que se não absolveria por consideração alguma intellegível” (NASÃO, 1858, p. 30-1). Por isso que ele ousa, termo usado por ele mesmo, apresentar por completo o texto de Ovídio, embora atenuar com linguagem figurada algumas de suas

passagens. Esse tipo de intervenção na tradução está indicado na capa do livro como “Traducção Paraphrastica”.

Apesar desta ponderação inicial, Antônio desiste de aprovar a divulgação do texto, cujo motivo foi, segundo José, por “dar mais importância que merecia á censura e expurgação d’aquelles theoricos pregadores...” (NASÃO, 1858, p. 12). Feliciano José assume, então, a responsabilidade de divulgar as obras mesmo sem a anuência do irmão Antônio Feliciano de Castilho, encarregado somente pela tradução de *Os Amores*. Assim destaca no Preâmbulo:

Sai á luz da PARAPHRASE DOS AMORES DE OVIDIO, a duas mil léguas de distancia do autor, sem annuencia sua, quase a seo mau-grado. Si n’isto há culpa, *me, me, adsum*; assumimos a responsabilidade d’ela – ousadamente, em relação aos sabios e amantes do bello; um pouco a medo, em relação ao poeta portuguez (NASÃO, 1858, p. 9).

A publicação foi feita três anos depois, em 1858, fruto de seu “amor ás pátrias letras e á gloria do poeta. Decidimos, com indiscrição ou sem ella, dar á estampa este livro, cujo monopólio era crime de lesa-majestade litteraria” (NASÃO, 1858, p. 13). As citações de Feliciano José explicitam as discussões em torno do moralismo e as divergências sobre a publicação ovidiana. Para os que

a reprovavam, José Castilho enalteceu o zelo do irmão em inserir uma advertência direcionada aos adolescentes, de ambos os sexos, da não pertinência da leitura, como também o fizera Ovídio no século I:

...para suprimir até a possibilidade de pretextos a zeladores da castidade nos scriptos (que nem sempre são a gente mais casta no viver), ele teve o cuidado de mandar por em grande letras logo na segunda página, “uma declaração franca de qual era a sua natureza, e quaes as mãos de que se-deveria resguardar (NASÃO, 1858, p. 14).

ADVERTÊNCIA IMPORTANTE.  
ADOLESCENTES DE UM E OUTRO SEXO!

*Sob um título que vos poderá attrahir, este livro contém mystérios de iniquidade. Se o-abrisseis, depois d’este pregão, só de vós-mesmos vos-podereis queixar. Não é para vós que foi escripto. Quem o-appresentasse, ou o permittisse á innocencia, só esse seria seo invenenador.*

Fica claro, logo nas primeiras páginas, que a obra é “ininteressada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das letras clássicas” (NASÃO, 1958, capa). Portanto, este tipo de conteúdo amoroso era considerado socialmente inapropriado a mulheres e jovens de ambos os sexos: “é um livro perigoso para certas pessoas. Porisso marcado claramente” (1858, p. 31).

Para as versões destinadas aos escolares, tantos aos rapazes como para a moças, Antônio argui:

Uma distinção requer o bom-senso que se-faça aqui, e geralmente se-tem feito. As edições destinadas ao uso ds scholas sejam, e devem ser, expurgadíssimas; mas as que se-endereçam a edades já feitas, a homens de estudo (depois de transpostas as raias sempre respeitáveis da inocência, o perigoso período do primeiro acordar do coração) (NASÃO, 1858, p. 32).

Vieira (2010) defende que todo esse cuidado em relação a quem deveria ler, ou não, a obra está calcado no fato de ambos os irmãos estarem ligados ao meio educacional do Brasil e Portugal. Porém, as concepções rígidas em relação a uma moral sexual e amorosa acabavam por interferir, de algum modo, tanto nas traduções e publicações do século XIX, bem como na definição de seu público-alvo. O leitor atual provavelmente não reconhecerá em *Os Amores* nada de explícito ou ofensivo. Seguindo a recomendação de Lucien Fèbvre (p.15, 2003), de que “*le péché des péchés, le péché entre tous irrémissible: l’anachronisme*”, ou, em outras palavras, que o pecado imperdoável ao historiador é o anacronismo, faz-se obrigatório salientar, nessa discussão, que a moral socialmente aceitável para as nações ocidentais do período era outra.

Feliciano José também manifestou o seu dissabor ao lançar *Grinalda Ovidiana*. Seu dilema é expresso nestas palavras: “vimo-nos perplexos, sem saber si deveríamos deixar a obra, falha dos indispensáveis commentos, ou flagelar nosso amor-proprio ao ponto de consentir na confrontação de nosso stylo. Sacrificamos-nos” (NASÃO, 1858, p. 14). Ou seja, o quanto ele deveria interferir na tradução para atender às demandas dos moralistas. Resolveu assumir o risco: “Já se-vê quão onerosa foi a tarefa que nos-imposemos. Oxalá nos não brade a consciência pública termos, impotentes Atlantes, ficado esmagados sob o seo peso” (NASÃO, 1858, p. 15). O modo como esse texto, bem como outros, veio a público, teve total apoio do imperador, também ele um amante e tradutor de diversas obras, como já dito.

Porém, a importância da tradução e publicação do texto de Ovídio não se sustenta somente pelo pioneirismo em disponibilizá-lo. Primeiro, uma palavra sobre a tradução, que mostra bem as características da época e circunstâncias. Quem não fosse da elite e muito instruído não a entenderia. Isso diz muito sobre o contexto, pois o público-alvo era reduzidíssimo. Por isso, menos de dois séculos depois, não é tão fácil, para um leitor comum, conseguir entender a tradução. Quem a lê, hoje, acha tudo meio estranho. Palavras que já não se usavam à época e menos

ainda agora, mostram que a versão estava destinada a eruditos. Em sentido oposto, a tradução apresenta modernismos diversos, como “dum”, em lugar de “de um” (9, 36). O tradutor explicita os critérios de tradução, que privilegia a língua de chegada, o português, e o contexto histórico da época, não do original de dois mil anos antes.

1, 6

certe ego, cum posita stares ad verbera veste,

ad dominam pro te verba tremente tuli. 20

ergo quae valuit pro te quoque gratia quondam—

heu facinus!—pro me nunc valet illa parum?

De certo eu, quando estavas com a veste deposta para receber as chibatadas, tu a tremer, trouxe palavras a teu favor a sua senhora. Agora aquela graça que te valeu antes – que crime! – agora vale assim pouco a meu favor?

(Tradução nossa).

Na tradução poética de Guilherme Horst Duque (2015):

Recorda-te que de vezes

para os ríspidos açoites

já pronto estavas despido,

e eu vendo-te assim tremente

fui, do teu mal condoído,

tua senhora implorar.

Se pois os teus infortúnios

tanta vez se dissiparam

pela minha intervenção,

agora, atroz impiedade!

Contemplas sem compaixão

meu mal, que podes findar?

(Paráfrase com grafia atualizada).

Pela passagem reproduzida, percebe-se o motivo de se denominar a tradução como paráfrase, pois o original latino apresenta 32 palavras, nossa tradução 40, a poética de Duque 28 e a paráfrase analisada 52. Duque deixa de lado informações do original, Castilho extrapola.

Gostaríamos de enfatizar que a preocupação com a leitura desses textos por parte de adolescentes e mulheres faz bastante sentido naquela época, momento em que se observa no Brasil o aumento do número de jornais e de livros, a ampliação das escolas e a ampliação do público leitor feminino. Alguns exemplos de jornais femininos publicados à época, disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, são o *Jornal das Senhoras*, o primeiro jornal feminino de efetiva importância, lançado no Rio de Janeiro em 1852, fundado e dirigido por Joana de Paula Manso de Noronha. *O Belo Sexo*

(1862), dirigido por Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar. E diversos outros lançados na década de 1870, como *O Sexo Feminino* (1873), de propriedade de Francisca Senhorinha da Motta Diniz, originalmente de Minas Gerais e mais tarde transferido para a Corte; *O Domingo*, editado no Rio de Janeiro por Violanta Atalipa Ximenes de Bivar e Vellasco; o *Jornal das Damas* e o *Eco das Damas*, de Amélia Carolina da Silva Couto, ambos de circulação na Corte.

Como enfatizado no *Jornal das Senhoras*, de 28 de janeiro de 1855, p. 4, os objetivos desse periódico eram “propagar a ilustração e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher”. Como enfatiza Cássia Regina S. R. de Souza, em “Periódicos Feministas do Século XIX: Um Chamado à Resistência Feminina” (2012), a busca pela instrução das mulheres seria a tônica que perpassaria todos os jornais femininos da época.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, concluímos que o projeto para criar uma identidade e reputação de nação avançada possuía várias vertentes. O Segundo Reinado trouxe o mecenato imperial como forma de produção de conhecimento tanto para aproximar o Brasil do que se produzia fora, como

é o caso da tradução de obras clássicas, quanto para desenvolver objetos híbridos entre o clássico e o exótico.

Pudemos observar o uso desse passado clássico em uma perspectiva identitária – o que caracterizaria o Brasil como um país culto e moderno, enquanto o brasileiro idealizado, conhecedor dessa literatura e representado pelo imperador, comporia um povo considerado semelhante aos congêneres europeus em matéria de “civilização”. Por meio dos embates sobre os temas “pertinentes” de publicização, notamos a preocupação com uma demarcação de gênero, o tipo de leitura lícita, ou não, aos homens e às mulheres, a delimitação dos prazeres e o esquadramento dos corpos cerceados pelos preceitos morais/religiosos.

Também destacamos a relação dessas discussões com a própria dinâmica social da segunda metade do século XIX, como a ampliação das cidades, da instrução escolar, da publicação de livros e revistas e da ampliação do protagonismo feminino no espaço público, aspectos que nos indicam a diversidade de olhares a respeito dos usos desse passado clássico e a configuração de um espaço de disputas entre os grupos abastados e de comando das elites imperiais.

## REFERÊNCIAS

AVELLA, A. A. Teresa Cristina Maria de Bourbon, uma imperatriz silenciada. Encontro Regional de História: história e liberdade, 20, 2010, Franca. **Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP.** Franca: Unesp, 2010. p. 01 - 14. CD-ROM.

BARBOSA, R. C. **Concepções da sexualidade romana na Inglaterra vitoriana: A leitura sobre Ovídio.** 2011. 204 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

BORGES, J. J. **José Feliciano de Castilho e os epigramas de Marcial no século XIX: ensaio de história da tradução.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. 175 p. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109283/ISBN9788579834615.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 abr. 2021.

CHAVES, M. G. O Patronato Imperial e o Papel das Artes na Formulação dos Projetos Nacionais (1841 -1889). XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**, 2013.

DAROS, R. P. Dom Pedro II: o imperador tradutor. **Scientia Traductionis**, n.11, p. 227-244, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Lourdes/Downloads/25596-Texto%20do%20Artigo-84463-1-10-20120810.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021.

DUARTE, A S. Em bom português: a tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil. **XVI Jornada de Estudos da Antiguidade: redes, fronteiras e espaços**, CEIA/UFF). Conferência apresentada em 10/03/2016. Disponível em [https://www.academia.edu/23292575/Em\\_bom\\_portugu%C3%AAs\\_a\\_tradu%C3%A7%C3%A3o\\_dos\\_cl%C3%A1ssicos\\_greco\\_latinos\\_no\\_Brasil\\_XVI\\_Jornada\\_de\\_Estudos\\_da\\_Antiguidades\\_CEIA\\_UFF\\_2016](https://www.academia.edu/23292575/Em_bom_portugu%C3%AAs_a_tradu%C3%A7%C3%A3o_dos_cl%C3%A1ssicos_greco_latinos_no_Brasil_XVI_Jornada_de_Estudos_da_Antiguidades_CEIA_UFF_2016). Acesso em: 20 jun. 2021.

DUQUE, G. H. **Do pé à letra: Os Amores de Ovídio em tradução poética.** Dissertação de Mestrado, Vitória, UFES, 2015.

FÈBVRE, L. **Le Problème de l'incroyance au XVIème siècle: La religion de Rabelais.** Paris: Albin Michel, 2003.

FEITOSA, L. M. G. C. **Homens e mulheres romanos: o corpo, o amor e a moral, segundo a literatura amorosa do primeiro século d. C. (Ovídio e Petronio).** Dissertação. UNESP/Assis, 1992.

FEITOSA, L. C. Texto de capa. In: BARBOSA, Renata Cerqueira, **Sexualidade e Gênero na Inglaterra Vitoriana: a leitura sobre Ovídio**. São Paulo: Eduel, 2015.

FUNARI, P. P. A. Cidadania, erudição e pesquisas sobre a Antiguidade clássica no Brasil. **Boletim Cpa**, Campinas, v. 3, n. 1, p.83-97, jun. 1997. Semestral. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/cpa\\_-\\_3\\_-\\_senha\\_-\\_novembro\\_2017.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/cpa_-_3_-_senha_-_novembro_2017.pdf). Acesso em: 20 jul. 2021.

GONÇALVES, W. F. Ovídio brasileiro: as traduções brasileiras de Ovídio no século XXI. **Translatio**, Porto Alegre, n. 14, p. 63 – 84, dez 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/72004>. Acesso em: 12 jun. 2021.

**HEMEROTECA DIGITAL**. Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 29 de ago. de 2020.

HOBBSAWM, J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

NASÃO, P. O. **Os Amores**. Paráfrase por Antônio Feliciano de Castilho, seguida pela Grinalda Ovidiana, por José Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Bernardo Xavier Pinto de Sousa, 1858.

OLIVEIRA, A. O. P.; MARTINS, M. A. P. **D. Pedro II: Um tradutor no trono do Brasil**. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2009. Disponível em: [http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2009/relatorio/ctch/let/anna\\_olga.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2009/relatorio/ctch/let/anna_olga.pdf). Acesso em: 22 mar. 2021.

PENNAFORT, R. Incêndio no Museu Nacional revolta alunos da UFRJ. **O Estado de São Paulo**, 2 set. 2018. Disponível em: : <https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,incendio-no-museu-nacional-revolta-alunos-da-ufrj,70002485146>. Acesso em: 05 nov. 2020.

PORTUGAL. **Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico de Portugal**. Lisboa: João Romano Torres, 1904.

SCHWARCZ, L. M. **As Barbas do Imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, L. K. M. Romantismo Tropical: a estetização da política e da cidadania numa instituição imperial brasileira. **Latin America Literary Review**, Pittsburgh, v. 25, n. 50, p. 47-68, dez. 1997. Semestral. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20119753?refreqid=excelsior%3A839936a4fccb689bf256bcf894293ceb>. Acesso em: 13 abr. 2021.

SAND, S. **A Invenção do Povo Judeu**. São Paulo, Benvirá, 2011.

SILVA, G. J. **et al.** Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. **Rev. Bras. Hist.** São Paulo, v. 40, n. 84, Maio/Ago. 2020. Disponível em: <https://www.scienceopen.com/document?vid=44392e2c-efce-46f9-88a6-766516d06478>. Acesso em: 02 jul. 2021.

SOUZA, C. R. S. R. Periódicos Feministas do Século XIX: Um Chamado à Resistência Feminina. XV Encontro Regional de História. Ofício do historiador: ensino e pesquisa. **Anais**. Disponível em: [http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1337815812\\_ARQUIVO\\_ARTIGOANPUH2012.pdf](http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1337815812_ARQUIVO_ARTIGOANPUH2012.pdf). Acesso em 30 abr. 2021.

TOLEDO, M. A. L. T. **A Disciplina de História no Império Brasileiro**. Disponível em: [https://fe-old.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5238/art01\\_17.pdf](https://fe-old.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5238/art01_17.pdf). Acesso em: 03 maio 2021.

TOLEDO, M. A. L. T. A história ensinada sob o império da memória: questões de História da disciplina. **História**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, p. 13 – 32, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/9xN6XXdHwK5xtT6MKwxSsDd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

VIEIRA, B. V. G. Um Tradutor de Latim sob D. Pedro II: Perspectivas para a História da Tradução da Literatura Greco-Romana em português. **Revista Letras**, Curitiba, v. 80, n. 1, p.71-87, abr. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/17072>. Acesso em: 15 mar. 2021.

VIEIRA, B. V. G. Recepção da poesia erótica latina no séc. XIX: José Feliciano de Castilho e sua edição dos Amores, de Ovídio. **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p.71-81, dez. 2009. Semestral. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius\\_antiquus/article/view/2056](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/2056). Acesso em: 12 nov. 2019.

*Recebido em: 07-08-2021.*

*Aceito em: 08-10-2021.*